

## **INEFÁVEL E SEM FORMA**

---

### **ESTUDOS SOBRE MONOTEÍSMO**

---

#### **HEBRAICO**

---

---

---

REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

**H**aroldo Reimer, professor titular na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, é bolsista de produtividade do CNPq, autor de muitos artigos e vários livros. Descendente de quarta geração de imigrantes alemães, nascido em Santa Catarina, em 1959, é de tradição luterana, tendo estudado Teologia (1980-1984), em São Leopoldo, RS. Fez seus estudos de doutorado na Alemanha (1986-1990), com experiências em arqueologia em Israel (1987). De volta ao Brasil, atuou por dez anos como pastor na Comunidade Luterana do Rio de Janeiro e como professor universitário (1991-2000). De lá para cá vive e trabalha em Goiás.

Reúne nesta obra vários estudos que, em sua maioria, foram publicados em diferentes periódicos nos últimos anos. Dispõe de uma incrível capacidade metodológica para transmitir sua extensa bagagem de conhecimentos. É pertinente ressaltar o domínio que o autor demonstra ter na articulação da escrita. Isso nos permite compreender com maior facilidade as ideias discutidas no decorrer de sua obra. Impossível ter contato com o mesmo, sem perceber uma grande qualidade, a qual está aflorada em sua pessoa: a humildade. Tê-lo como professor foi, para nós, um dos grandes privilégios que a vida raramente nos oferece. O livro *Inefável e sem forma* trata da construção do sistema de crenças e representações do monoteísmo entre os antigos hebreus. Utiliza-se como fonte para seus estudos de uma leitura histórico-crítica de textos

bíblicos. Para o autor “os textos são entendidos como “representações”, isto é, são elaborações construídas a partir da intencionalidade de autores e transmissores” (p. 15).

O livro composto por 136 páginas está dividido em cinco partes. Na primeira apresenta discussões acerca de um levantamento da situação da pesquisa em torno do tema da origem do monoteísmo ocidental; de uma possível reviravolta na tendência da pesquisa nas últimas décadas do século XX, que tem antecedentes em alguns pensadores: David Hume, Abraham Kuenen, Max Weber, Nikiprowetzky. Na segunda parte são privilegiadas as contribuições e polêmicas em torno da história formativa da ideia da monolatria e do monoteísmo até se tornar marca identitária do povo judeu. A terceira parte aborda a questão do aniconismo, tomando por base o segundo mandamento bíblico de Êxodo 20,4-6 e seu paralelo em Deuteronômio 5,8-10. A quarta parte objetiva apresentar algumas observações de ordem fenomenológica sobre a dimensão de corpo e de gênero do personagem central da Bíblia hebraica ou do Antigo Testamento, o Deus YHWH (entendido como o criador de todas as coisas). E na quinta e última parte, o autor nos presenteia com um texto instigante, o qual diz pretender estabelecer uma conexão entre a simbólica da serpente em Gênesis 3 e a história do desenvolvimento do monoteísmo no antigo Israel. O livro traz ao final uma lista das referências utilizadas para a escrita da obra.

No texto introdutório (p. 15-20), o autor deixa claro sua pretensão de não se fazer uma pesquisa teológica do Antigo Testamento, na medida em que, segundo ele, isso buscaria ressaltar o caráter normativo das afirmações bíblicas. A leitura dos textos bíblicos foi feita numa perspectiva fenomenológica e histórica. De antemão anuncia a pretensão de outra publicação em processo de preparação, que levará como título *O Uno e a Diversidade: monoteísmo e diversidade religiosa no antigo Israel*. Ressalta e explica a utilização do termo “monoteísmo hebraico”, como sendo um termo adjetivado utilizado para qualificar uma prática religiosa entre os antigos hebreus.

No primeiro estudo, *Da diversidade à singularidade* (p. 21-52), o autor busca destacar alguns pontos altos da pesquisa sobre o monoteísmo hebraico no último século, sem entrar em maiores detalhes. São analisados estudos de importantes pensadores, os quais buscaram coordenar os dados bíblicos com reflexões gerais sobre história da religião na Antiguidade. Nestas pesquisas, em geral, a Bíblia era lida numa perspectiva

sincrônica, deduzindo-se a ideia de um monoteísmo original, o qual se acreditava ter sido deturpado por meio de várias formas de adoração a outras divindades, no decorrer dos séculos. Na mesma perspectiva, a luta dos profetas contra a idolatria seria amostra de um processo de degeneração do monoteísmo puro das origens. Acerca de um postulado de um monoteísmo original, surge, na segunda metade do século XX, intensa discussão com profundas transformações nos conceitos e nas concepções. Segundo o autor, a grande questão que se coloca é: se a trajetória da fé monoteísta tivesse tido um desenvolvimento de formas plurais politeístas para a afirmação de uma forma singular, no caso, o monoteísmo, passando por formas intermediárias como a monolatria?

O autor elenca vários materiais de pesquisadores do tema, como Gerhard von Rad, Albrecht Alt, Karl Barth, Victor Maag e outros. Mas a proposta considerada mais crítica é a do americano Morton Smith. Para esse pensador há o desenvolvimento a partir de um imaginário politeísta originário, difundido e compartilhado na região do antigo Oriente próximo, passando por momentos de maior exigência monolátrica até chegar à consolidação do credo monoteísta judaico. Reimer acrescenta que em todo processo deve-se estar atento sempre para o fato de que a história de Israel e também a história de sua religião se desenvolvem sempre dentro do seu contexto histórico, político e social, maior.

No segundo estudo, *Monoteísmo e Identidade* (p. 53-68), o autor afirma que o monoteísmo enquanto sistema religioso, em termos históricos, é uma construção cultural religiosa ocorrida ao longo de um período histórico basicamente entre os séculos IX e V a.C. Sua construção se deu em diálogo e em intercâmbio com expressões simbólicas de outros grupos presentes no antigo Oriente Próximo no período em questão. Acreditamos ser pertinente a afirmação do autor em relação ao diálogo com outras expressões simbólicas, pois aponta no sentido da mobilização de maneira afetiva das ações humanas pelos símbolos, os quais legitimam essas ações. O autor parte da perspectiva de que fora de uma rede simbólica a vida social é impossível.

*Inefável e sem forma* é o terceiro estudo da obra (p. 69-90). Neste texto, o autor tem como objetivo apresentar algumas perspectivas sobre a proibição de imagens, ao lado do cuidado pela não-pronúncia do nome próprio do Deus dos hebreus. Os estudos têm revelado que historicamente é conhecida a constituição de um elemento místico, que ao longo da história do povo hebreu, haveria existido a presença

de material iconográfico, e este, a partir do século VIII a.C, passa a ser considerado gradativamente como incompatível com o verdadeiro culto a YHWH. O autor conclui com suas pesquisas que a tendência anicônica hebraica foi diluída no processo de expansão do Cristianismo, na medida em que essa expressão religiosa foi assimilando elementos do novo contexto cultural. Isso pode ser entendido na perspectiva de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

No quarto estudo, *A corporeidade de Deus* (p. 91-102), são apresentadas algumas observações de ordem fenomenológica sobre a dimensão de corpo e de gênero do Deus YHWH, sem entrar em discussões de ordem ontológica. O autor cita textos da literatura profética com destaque para Oseias, Jeremias e Ezequiel. “Aí a corporeidade de YHWH recebe contornos de *sexualidade masculina*, pois os textos, em geral, trabalham com a metáfora do casamento, concebendo YHWH como o homem-marido fiel e Israel como mulher-esposa, geralmente infiel e/ou prostituta” (p. 97-98). Nas descrições imaginativas de Deus, verifica-se que YHWH gradativamente recebe contornos antropomórficos masculinos, convivendo, porém com algumas representações de funções femininas. Deus masculinizado, sem o prazer da felicidade de uma parceria divina compartilhada, acaba sendo construído também com funções femininas, sem contudo, perder sua identidade masculina.

O quinto e último texto (p. 103-127) tem como foco a serpente em Gênesis 3, com a hipótese de que a serpente como simbolização do mal está relacionada com a história do monoteísmo judaico, representando, no entender do autor, “um estágio avançado da história da afirmação do credo monoteísta como oficial e identitário”. Para Reimer é através das representações que são construídos os símbolos e esses são polissêmicos.

Gênesis 3 é um texto carregado de grande carga interpretativa. Ao se fazer uma leitura sincrônica dá a intenção de que a crença monoteísta passou por processo de degeneração. Autores renomados têm escrito os seus trabalhos nessa perspectiva. Reimer chama a atenção para o surgimento de novos questionamentos historiográficos que assumem um perfil diacrônico e uma análise hermenêutica mais criativa em que “novos sentidos vão sendo vislumbrados e ensaiados a partir de novas experiências e novas perguntas” (p.112). A grande questão é apontada para a produção do texto com indagações pelos que formularam tais textos, e com que objetivos e interesses. Este método abre caminho

para novos horizontes de interpretações, sem chegar ao esgotamento. No registro da investigação sobre a monolatria e o monoteísmo hebraico, Reimer está bastante próximo do pensamento de Paul Veyne (2009). Ambos caminham na mesma direção com relação a várias questões sobre o tema. No que tange à dimensão da relação humana com Deus, tanto Reimer quanto Veyne concordam que a mesma segue o modelo de relação com o próximo, ou melhor dizendo, entre os homens, dentro do contexto social, econômico e político. Os dois pesquisadores defendem a tese da existência de um politeísmo primitivo, fugindo do pensamento determinista de um monoteísmo original.

Na questão do monoteísmo identitário hebraico ou no dizer de Reimer, uma “pátria portátil” judaica, Veyne (2009, p. 163) afirma que o javismo é uma monolatria em virtude de uma escolha mútua: “Javé escolheu o seu povo, o seu povo escolheu a ele”. O mesmo autor afirma ter sido o “ciúme divino” o germe do monoteísmo. O Deus ciumento e a sua lei se tornou para Israel um desafio patriótico, ou seja, uma identidade.

Na problemática levantada por Veyne (2009, p. 159) “por que é que a evolução que desembocaria no monoteísmo se desenrolou só em Israel?”. Reimer afirma que “a construção do ideal monoteísta se dá em junções e disjunções culturais e religiosas entre o grupamento denominado “Israel” e grupamentos circunvizinhos, chamados usualmente de “cananeus” (p. 67), e que a síntese do credo monoteísta, conflitivo em seus momentos originários, possibilitou a construção de identidades culturais desterritorializadas para distintos grupamentos de judeus. Acrescenta que após muitos e intensos debates, hoje a questão é definida no sentido de que não se trata mais de discutir “se” Israel tomou elementos culturais de empréstimo de outros povos, mas “como” esses empréstimos foram retrabalhados desde a perspectiva própria dos hebreus.

Interessante é também a afirmação de Veyne para a mesma questão, quando utiliza o conceito de “*inventividade religiosa*” na ótica foucautiana, avançando para além das representações do presente e do ausente. “inventividade religiosa (ou revelação) sopra onde quer” (VEYNE, 2009, p. 160). É uma ideia que permeia o campo do imaginário enquanto social e coletivo. O autor diz ignorar em que momento Javé se tornou o Deus de Israel ou em que época de constituiu um partido religioso javista. Na mesma linha de pensamento de Reimer, o autor, contudo, afirma que a questão não é saber se o judaísmo tem ou não a honra de sempre ter sido monoteísta, mas saber que etapas ele percorreu e

o que poderia entender por monoteísmo há vinte ou trinta séculos, com instrumentos de pensamento que não são os nossos.

Reimer se propõe ao debate da problemática das origens do monoteísmo “bíblico”. Ele revela-nos que há uma pressão para datar o fenômeno cada vez mais próximo de nós. A discussão desenrola-se em torno de questões que buscam mostrar como dos conflitos por sua instalação passou a marcar a identidade de um grupo; como a tradição hebraica por meio do mandamento da proibição de imagens construiu a imagem de um Deus inefável e sem forma. É bom ressaltarmos que as fontes utilizadas pelo autor foram analisadas à luz da fenomenologia.

O corpo da pesquisa é permeado pela pergunta sobre a origem do monoteísmo bíblico. O autor parte do princípio de um monoteísmo hebraico enquanto consolidação oficial de uma ideia teológica transformada em estatuto doutrinário e sobretudo partindo da influência sacerdotal. Sua obra discute questões um tanto polêmicas, as quais, com certeza, desagradariam aos seguidores mais conservadores do Cristianismo ocidental. Referimos-nos principalmente à quarta e à última parte do livro, que abordam respectivamente os estudos da dimensão do corpo e de gênero do Deus YHWH e a simbólica da serpente em Gênesis 3.

A obra *Inefável e sem forma* vale a pena ser lida. É indicada não somente para os estudiosos do Cristianismo como para qualquer área do conhecimento: Ciência da Religião, História, Antropologia, ou pessoas que queiram conhecer e aprofundar na história do monoteísmo hebraico.

A escrita do texto mostra-se dentro das regras formais metodológicas. De uma forma geral está bem escrito e bem revisado. Ainda assim conseguimos garimpar alguns erros ortográficos que escaparam da revisão: (p. 52: repetição da expressão “em favor”; p. 79: duplicação da letra ‘e’ na palavra versículo; p. 102: um ‘a’ maiúsculo ao final da palavra ‘uma’; p. 104: troca da conjunção aditiva ‘e’ por um ‘a’ na expressão ‘serpente e Eva’; p. 109: falta acento agudo na palavra ‘fórmula’).. O papel de cor opaca proporciona comodidade para a leitura, e isto vem somado à habilidade do autor em expor suas ideias. Recomendamos a leitura do livro!

## Referências

VEYNE, Paul. *Quando o mundo se tornou cristão*. Lisboa: Edições 70, 2009.

FÁBIO GERALDO ARAUJO

Mestrando em História na PUC Goiás. Graduado em Geografia e História pela PUC Goiás e em Filosofia pela UFPR. Professor na rede particular de ensino. *E-mail:* fabiosabbath@cultura.com.br

IRENI SOARES DA MOTA

Mestranda em História da PUC Goiás. Especialista em História de Goiás. Graduada em História pela UEG. Professora do Ensino Médio – Secretaria Estadual de Educação de Goiás. *E-mail:* irenimota@hotmail.com

RONY DE PAULA MENDONÇA

Mestrando em História na PUC Goiás. Graduado em Educação Física pela UFG. Professor no Colégio de Aplicação da UFG. *E-mail:* ronymendonca@yahoo.com.br